

Seção: Ecologia Vegetal

COMO AS BRIÓFITAS RESPONDEM A UM CURTO GRADIENTE DE ALTITUDE NUMA MONTANHA TROPICAL?

Nivea Dias dos SANTOS(1,2)

Denise Pinheiro da COSTA(3)

Luiza Sumiko KINOSHITA(1)

George John SHEPHERD(1)

A variação de comunidades vegetais ao longo de gradientes de altitude tem sido foco de diversos estudos ecológicos. Contudo, muitos desses trabalhos direcionam-se a elevadas montanhas tropicais. A fim de compreender a influência de um curto gradiente altitudinal sobre atributos das comunidades e espécies de briófitas, foi estudada a brioflora de seis cinturões altitudinais (10 m, 50 m, 400 m, 800 m, 950 m e 1170 m) no Parque Estadual da Serra do Mar, litoral norte do estado de São Paulo. A amostragem abrangeu 10 parcelas de 10 x 10 m distribuídas aleatoriamente em 1 ha de floresta em cada altitude. Foram encontradas 253 espécies (150 hepáticas, 102 musgos e um antóceros), sendo a riqueza uniforme ao longo do gradiente altitudinal, decrescendo apenas no topo da montanha. A diversidade beta entre os cinturões altitudinais foi baixa, com exceção do cinturão de 1170 m, que é bastante distinto floristicamente das outras áreas. A análise de agrupamento demonstrou que as subparcelas formam grupos definidos pelos cinturões altitudinais, com exceção das duas áreas de floresta montana (800 m e 950 m), que se agruparam. A presença de espécies indicadoras das fitofisionomias da Floresta Atlântica corrobora a classificação de vegetação do IBGE. O endemismo apresenta correlação positiva com a altitude; enquanto que a amplitude de distribuição geográfica das espécies diminui com o aumento da altitude. A condição dióica predominou em todos os cinturões altitudinais e a razão dióico:monóico apresentou um padrão de parábola invertida ao longo do gradiente altitudinal. A altitude é um fator que altera atributos das comunidades e espécies de briófitas, mesmo se tratando de uma pequena montanha tropical. Os dados gerados de riqueza e distribuição das espécies de briófitas nas fitofisionomias de Floresta Atlântica poderão ser utilizados em futuros estudos direcionados ao monitoramento e detecção dos efeitos das mudanças climáticas nas florestas tropicais.

Palavras-chave: espécies indicadoras, Floresta Atlântica, zonação altitudinal

Créditos de Financiamento: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e Fundação de Amparo à Pesquisa

(1) Departamento de Biologia Vegetal

Universidade Estadual de Campinas, CEP13083-970, Campinas – SP, Brasil

(2) Departamento de Botânica

Universidade Federal de Pernambuco, Cidade Universitária, CEP 50670-901, Recife – PE, Brasil

(3) Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Rua Pacheco Leão 915, 22460-030, Rio de Janeiro, RJ